

MELO, João de. *A divina miséria*. Lisboa: Dom Quixote, 2009.



Inserido no contexto da vida das ilhas, *A Divina Miséria* de João de Melo reúne um conjunto de episódios característicos de uma povoação alheia aos “benefícios” das luzes. Tendo como cerne a morte do Padre Governo e respectiva substituição na povoação, a novela – como é catalogada pelo próprio autor – é uma elucidativa alegoria da caverna baseada no imediatismo das relações humanas mais básicas, mas que transportam em si uma cabal teia de enredos.

Começando uma sucinta análise pelo título da obra, o leitor é induzido na propositada ironia literária com *A Divina Comédia*. A primeira cumplicidade, chamemos-lhe assim, é a mancha gráfica do título. Depois, há a aproximação da palavra substituída do título de Dante Alighieri a “Miséria”, que reproduz a mesma cadência linguística do título original, ao tratarem-se de duas palavras esdrúxulas, cujo conteúdo semântico compreende a referida dimensão irónica com que a intertextualidade literária redescobre o mundo real factual do Homem, a partir do seu real ficcional. Por outro lado, porém, ao encontro do anteriormente escrito, a “Miséria” de Melo não deixa de ser uma crítica social mordaz, não ao jeito de Dante, daí o caminho da intertextualidade, mas ao jeito peculiar de uma reescrita das questões sociais e de poder que continuam a reger a vida dos homens, ao longo dos séculos.

Diferente da literatura do século XIX, João de Melo aproxima o leitor, pelo artifício da (re)escrita, da verosimilhança que a figura de um homem acamado que narra a um escritor os factos daquela localidade, com a mordacidade própria de quem vivera o contexto repressor naquela pequena freguesia. Mais do que um “lector in fabula” temos um “scriptor in fabula”. Não o entendemos como um autor, na medida em que o interveniente junto ao velho é um “écrivain” na dimensão barthesiana da questão: ao ser o sujeito que ouve o relato, compô-lo-á e, numa terceira dimensão, publicá-lo-á. Pelo que consideramos a afirmação encontrada na p. 63, quando o velho desmascara a função ficcional do escritor: “porque as suas ficções são apenas o lado subtil da insinceridade. Dá-nos, do mundo, uma imagem postiça, às vezes simbólica, outras vezes meramente cerebral.”

Ao longo da leitura, somos confrontados com pequenos episódios rocambolescos que se emparelham

num corpo global. As narrações do velho acamado são uma espécie de monólogo reflexivo escutado por um escritor, que, por sua vez, acompanha essas palavras no seu estado demiúrgico. O escritor que o discurso do velho explicita cumpre a função de testemunha do discurso e, quiçá, uma espécie de sujeito narrativo “ex machina.” Será sobre ele que recairá a responsabilidade de fixar e moldar a palavra do sujeito que fala da transformação operante na povoação do Rozário. Com a morte do Padre Governo, é o ancião quem desencadeia uma série de analepses que veiculam a catarse dos acontecimentos. Deambula pela autoridade do falecido, através da imposição eclesiástica sobre todo aquele povo, uma autoridade cúmplice do poder político que transformou o Rozário, explicitamente, numa caverna. Deambula pelo heroísmo de João Lázaro, um indivíduo que ousou afrontar a ordem estabelecida, mas que permanece uma espécie de “Che” no imaginário daqueles habitantes, um herói na memória colectiva. Deambula pelo medo que aflige aquelas gentes, quer em relação ao poder da Igreja, quer em relação a qualquer outra espécie de poder que os manterá para sempre naquela caverna. E as deambulações do velho terminam com essa precisa constatação ao anunciar a chegada de um novo deus, caracterizado por ser “Um homem loiro, muito musculado e de riso perverso” (p. 116), um deus que não é o que ele pensa ser possível que exista, “É um Deus terrível e magnificamente americano, senhor” (p. 116). A afirmação final resume tudo o que foi perdido, dado que o abalo provocado pela morte do pároco não foi aproveitado pela comunidade para se libertar da caverna em que vivia. Não apoiaram os ideários políticos de João Lázaro e o poder foi substituído pelos estrangeiros, os americanos que chegaram às ilhas.

Tudo se passou naquela caverna, houve alguns que saíram pela emigração, mas os que ficaram sabem “como é: a gente habitua-se às vozes, aos silêncios, à sonatina marítima da noite, tanto quanto os pássaros acabam por acostumar-se a viver nas suas gaiolas de cana penduradas das empenas. Se acontece de alguém erradamente os pôr em liberdade, conhecem apenas a tristeza de umas asas sem préstimo” (p. 63-4). E João Lázaro? Acabou no estádio em que os novos deuses “Aos heróis dos pequenos povos vencidos, dão o destino dos tubos de ensaio e das retortas nos seus laboratórios de pesquisa científica,

onde praticam toda a sorte de experiências genéticas” (p. 111).

A diegese d’*A Divina Miséria* é elaborada a partir de várias janelas que colocam em evidência as pequenas histórias narradas. Não sendo uma narrativa de encaixe, é uma narrativa de espelhos em que os diversos episódios concretizam um perfeito mise-en-abîme com a macroestrutura do texto. Exemplo disso é o problema que o velho tem para resolver com o irmão. Esta última personagem, desaparecida após ter consumado o nubicídio, semeava o terror pela povoação, funcionando como a dimensão cruel do poder perante os habitantes. Todos receavam que algum dia voltasse e, consigo, o clima de medo. O velho acamado, por sua vez, tinha um problema para resolver antes da morte, queria ter a certeza de que Guilherme-José, o irmão, não voltaria àquele lugar, um problema que será substituído pela chegada dos americanos.

Reunindo o que foi escrito, os habitantes do Rozário vivem os três estádios d’*A Divina Comédia* de Dante Alighieri: o Inferno, aquando da égide do Padre Governo; o Purgatório, a esperada redenção nos acontecimentos que se deram após a morte do Padre Governo; e o Paraíso, com a chegada dos novos deuses, os americanos. Os habitantes do Rozário habitam, assim, constantemente no estádio do Purgatório, uma dimensão dual ou ambígua, porque, não vivendo já no Inferno, vivem num estado intermédio de aspiração ao Paraíso. Este nível reveste-se, igualmente, de dualidade, na medida em que sendo prisão ou caverna

é a única liberdade que os mantém. São os entes crentes nas sombras ou, segundo a mitologia judaico-cristã, as almas penadas.

Para finalizar, cabe-nos referir que *A Divina Miséria*, segundo o próprio autor, é “uma falsa partida para um romance que nunca existiu” (p. 117). O autor tenta esclarecer o leitor no sentido de que juntamente com *O Meu Mundo não É Deste Reino* e com *Gente Feliz com Lágrimas*, as três obras poderiam ser uma trilogia, lamentando o facto de tal não ter sucedido: “Assim não aconteceu, e eis portanto a novela. Distinta, enquanto texto e enquanto narrativa, dos seus antecessores? Creio bem que sim. Mas nisso só têm a palavra os seus leitores” (p. 117-8). Em relação à trilogia, compete-nos, ainda, acrescentar que *A Divina Miséria* é por si inspirada numa trilogia de contos de João de Melo, resgatados para este texto final, publicado em 2009, o que não deixa de ser curioso, tendo em conta que o texto de Dante Alighieri é dividido em três partes – “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso” –, que constituem *A Divina Comédia* que explora alegoricamente o mundo espiritual de então, plasmado na “miséria” espiritual dos habitantes do Rozário.

PAULO FIGUEIRA
CLEPUL

Recebido: 20 de julho de 2010
Aprovado: 11 de agosto de 2010

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS



VIAGEM AO BRASIL O NOBEL CAMILO JOSÉ CELA NA PUCRS *Maria Eunice Moreira, Sissa Jacoby (Orgs.)*

2009. 109 p. 21x27,5 cm
ISBN 978-85-7430-906-4

Os textos reunidos nesta obra procuram registrar três momentos marcantes da visita do escritor Camilo José Cela ao Brasil: a sessão solene, o seminário e a sessão de autógrafos na 41ª Feira do Livro de Porto Alegre, além do cronograma completo, organizado pelo Consulado Geral da Espanha, de sua "Viagem ao Brasil".

O objetivo desta publicação, portanto, é de reativar, através da memória escrita, a passagem de uma das figuras mais importantes da literatura universal do século XX, por esta Universidade, marcando presença física nos bancos da PUCRS, em dois dias do mês de novembro de 1995.

Pedidos:



Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 – Porto Alegre – RS – BRASIL
Fone/Fax: (51) 3320-3523

www.pucrs.br/edipucrs/
edipucrs@pucrs.br

Parceiros:

